

# PADRÕES DE APEGO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

ATTACHMENT PATTERNS OF WOMEN EXPERIENCING DOMESTIC VIOLENCE

PATRONES DE APEGO DE MUJERES QUE SUFREN VIOLENCIA DOMÉSTICA

## Aline Cristina Marquardt

- Psicóloga, Pós-graduada em Sexualidade Humana. Uniasselvi.
- E-mail: [alinemarquardt.psico@gmail.com](mailto:alinemarquardt.psico@gmail.com)

## Jheny Lima

- Psicóloga. Uniasselvi.
- E-mail: [jhenylimapsicologia@gmail.com](mailto:jhenylimapsicologia@gmail.com)

## Claudia Daiana Borges

- Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia, Idomed e Unisociesc.
- E-mail: [Claudia.daiana@gmail.com](mailto:Claudia.daiana@gmail.com)

## RESUMO

A violência doméstica por parceiro íntimo contra a mulher está em crescimento no Brasil, trazendo implicações para as vítimas, bem como para todo o contexto social, de segurança e de saúde pública. Considerando a relevância do tema, o presente estudo buscou compreender a dinâmica dos relacionamentos afetivos na trajetória de vida de mulheres vítimas de violência doméstica atendidas pelo CREAS de uma cidade do Norte de Santa Catarina. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa com duas mulheres. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico e entrevista narrativa. Os dados foram analisados a partir dos princípios da análise de conteúdo, da qual resultaram quatro categorias, com suas respectivas subcategorias e elementos de análise. Os resultados indicaram que as experiências vivenciadas durante a infância com as figuras de apego podem repercutir nos relacionamentos amorosos na vida adulta, porém a violência doméstica é um fenômeno complexo, que deve ser compreendido através de múltiplos fatores envolvidos, como questões culturais e de gênero.

**Palavras-chave:** Violência Doméstica; Padrões de Apego; Relacionamentos Afetivos.

## ABSTRACT

Intimate partner violence against women is increasing in Brazil, bringing significant implications for victims as well as for the broader social, safety, and public health contexts. Given the relevance of this issue, the present study aimed to understand the dynamics of affective relationships throughout the life trajectories of women victims of domestic violence assisted by CREAS (Specialized Social Assistance Reference Center) in a city in Northern Santa Catarina. To this end, a qualitative study was conducted with two women. Data collection instruments included a sociodemographic questionnaire and narrative interviews. The data were analyzed based on the principles of content analysis, which resulted in four categories, with their respective subcategories and analytical elements. The findings indicated that childhood experiences with attachment figures may influence romantic relationships in adulthood. However, domestic violence is a complex phenomenon that must be understood through multiple interconnected factors, including cultural and gender-related issues.

**Keywords:** Domestic Violence; Attachment Patterns; Affective Relationships.

## RESUMEN

La violencia doméstica por parte de la pareja íntima contra la mujer está en aumento en Brasil, lo que genera implicaciones tanto para las víctimas como para el contexto social, de seguridad y de salud pública. Considerando la relevancia del tema, el presente estudio buscó comprender la dinámica de las relaciones afectivas en la trayectoria de vida de mujeres víctimas de violencia doméstica atendidas por el CREAS de una ciudad del norte de Santa Catarina. Por eso, se realizó una investigación de naturaleza cualitativa con dos mujeres. Como instrumentos de recolección de datos se utilizaron un cuestionario sociodemográfico y una entrevista narrativa. Los datos se analizaron a partir de los principios del análisis de contenido, lo que dio lugar a cuatro categorías, con sus respectivas subcategorías y elementos de análisis. Los resultados indicaron que las experiencias vividas durante la infancia con las figuras de apego pueden repercutir en las relaciones amorosas en la vida adulta. Sin embargo, la violencia doméstica es un fenómeno complejo que debe entenderse desde múltiples factores, como cuestiones culturales y de género.

**Palabras clave:** Violencia Doméstica; Patrones de Apego; Relaciones Afectivas.

## INTRODUÇÃO

A violência doméstica caracteriza-se como as diferentes violências perpetradas contra a mulher no contexto das relações familiares que lhe cause morte, danos e sofrimentos físicos, psicológicos, sexual, moral ou patrimonial (Brasil, 2006). Configura-se como um fenômeno social complexo, grave e multifatorial originado em uma cultura patriarcal, marcada pela dominação masculina e de subordinação das mulheres e que, ainda nos dias atuais, se apresenta de modo multifacetado e socialmente naturalizado (Albuquerque, 2020).

Em 2013, a Organização Mundial da Saúde (OMS) posicionou a violência contra a mulher como uma epidemia global, pois mais de um terço de todas as mulheres do mundo eram vítimas de violência física ou sexual. Desde os anos 70, a luta contra a desigualdade de gênero expressa nos atos de violência contra a mulher ganhou cada vez mais notoriedade na sociedade brasileira, mas foi em 2006, através da implementação da Lei nº 11.340 - a Lei Maria da Penha, que foram criados mecanismos para coibir e prevenir este tipo de violência. Essa lei possibilitou o reconhecimento público do problema e tipificou a violência doméstica contra a mulher como física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (Brasil, 2006).

A violência contra a mulher está em crescimento acentuado no Brasil. Essa foi a conclusão da quarta edição da Pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres brasileiras no Brasil”, realizada em 2023 e elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Instituto Datafolha. O estudo teve abrangência nacional em 126 municípios, realizado com 2.017 participantes de 16 anos de idade ou mais, de todas as classes sociais. As questões específicas sobre “vitimização da mulher no Brasil” foram aplicadas somente às mulheres, totalizando 1.042 entrevistadas. Os resultados da pesquisa indicaram que 33,4% da população feminina, com 16 anos de idade ou mais, já vivenciou ao longo da vida violência física ou sexual por parte do parceiro ou ex-parceiro íntimo. Se contabilizadas outras formas de violência, como a psicológica e a patrimonial, o número aumenta para 43% (Bueno *et al.*, 2023).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública apresenta também indicadores relevantes sobre a violência doméstica contra a mulher. Os números são obtidos a partir de fontes oficiais dos órgãos públicos responsáveis pela segurança pública, como as Secretarias de Segurança Pública Estaduais e as Polícias Cíveis, Militares e Federal. A edição do Anuário publicada em 2024 apresenta que, no Brasil, foram registrados em 2023 um total de: 258.941 agressões decorrentes da violência doméstica; 778.921 ameaças; 848.036 chamadas ao 190; 38.507 casos de violência psicológica; 540.255 medidas protetivas de urgência e 1.467 feminicídios (63% perpetuados por parceiro íntimo e 21,2% por ex-parceiro e 8,7% por um familiar). Especificamente em relação ao Estado de Santa Catarina, o anuário apresenta os seguintes dados em relação ao mesmo ano: 17.035 ocorrências lesão corporal dolosa ocorridas - violência doméstica; 3.201 casos de violência psicológica; 29.331 chamadas ao 190; 25.714 medidas protetivas de urgência concedidas pelo Tribunal de Justiça; e 56 feminicídios (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024).

Diante das informações expressas, surge o questionamento: quais fatores contribuem para a violência doméstica? A violência contra a mulher tem diversas faces e vários são os fatores que podem influenciar nos comportamentos violentos em relacionamentos conjugais, como questões de gênero, culturais e estruturais (Becker; Tridapalli; Bolze, 2021). Um desses fatores, que pode impactar diretamente na qualidade dos relacionamentos na vida adulta, são os estilos relacionais de apego desenvolvidos na infância, que são transmitidos de forma intergeracional. Esta foi a conclusão do estudo de Becker (2020), que teve como objetivo geral analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância, sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental. O estudo identificou ainda que, quanto mais inseguro o apego desenvolvido na infância, menor é a qualidade e a satisfação conjugal dos parceiros na vida adulta. O desenvolvimento do apego inseguro (ansioso e evitativo) nos primeiros anos de vida, pode desencadear um estilo de apego inseguro no relacionamento conjugal. Um dos fundamentos epistemológicos centrais que norteou o estudo pautou-se na Teoria do Apego de John Bowlby (Becker, 2020).

O médico psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby, após adentrar aos estudos da psiquiatria infantil e da psicanálise, concluiu que existia um comportamento com características distintas das quais já eram propostas pela psicanálise, mas igualmente importantes para a sobrevivência. Desta forma, desenvolveu a Teoria do Apego, ao observar crianças que eram afastadas dos seus familiares e passavam a viver em abrigos ou hospitais, com o objetivo de explicar a interferência do vínculo entre as crianças e os seus respectivos cuidadores. A Teoria do Apego explica que, além do equilíbrio fisiológico que o sujeito necessita, como manter a temperatura corporal ou a pressão arterial, o corpo precisa manter o equilíbrio do sistema comportamental. De acordo com a teoria, a criança encontra o equilíbrio interno não pelo sistema fisiológico, mas sim pelo sistema comportamental, por meio do acesso a sua figura de apego, respondendo às suas necessidades (Bowlby, 2024).

Bowlby (2024) identificou então a existência de um comportamento de apego, que faz o indivíduo buscar satisfazer a sua necessidade por segurança, por meio da proximidade de uma figura de apego. A Teoria do Apego compreende que o padrão de apego que um indivíduo desenvolve durante a infância e adolescência é profundamente influenciado pela maneira como seus pais (ou outras figuras parentais) o trataram, e que essa relação influencia no funcionamento da personalidade do sujeito ao longo da vida. Os três padrões de apego abordados por Bowlby são: o padrão de apego seguro, desenvolvido quando há uma figura de apego, sobretudo pela mãe, disponível nos primeiros anos de vida e sensível aos sinais da criança e amorosamente responsiva quando a criança busca por proteção ou conforto; o padrão de apego resistente à ansiedade (ansioso ambivalente), no qual a criança não tem certeza se seus pais estarão disponíveis, desenvolvido por um progenitor que está disponível e útil em algumas ocasiões mas em outras não, e devido a separações; e apego ansioso e evitante, no qual o indivíduo não tem confiança de que, quando procura atendimento, será respondido de forma útil mas, de modo oposto, espera ser rejeitado - resultado da constante rejeição da mãe (ou outra figura de apego) quando a criança se aproxima dela para conforto ou proteção (Bowlby, 2024).

Desta forma, Bowlby (2024) evidenciou que a criança que sofre ameaças de abandono passa a sentir ansiedade a qualquer separação (mesmo que rotineira), bem como profundamente irritada com a figura de apego, principalmente a mãe, por ameaçar o abandono. Complementa, ainda, que a falta de respostas úteis quando uma criança está angustiada, junto com rejeições frequentes, faz com que ela desenvolva desconfiança intensa em relação aos outros.

Diante do exposto, a presente pesquisa buscou compreender a dinâmica dos relacionamentos afetivos na trajetória de vida de mulheres vítimas de violência doméstica atendidas pelo CREAS de uma cidade do Norte de Santa Catarina.

## MÉTODO

A presente pesquisa tem um delineamento descritivo, que tem como objetivo descrever uma situação, um problema ou um fenômeno estudado (Richardson, 2017) e uma das principais características é a coleta de dados a partir da utilização de técnicas padronizadas (Gil, 2019). É de corte transversal, visto que se trata da coleta de dados e a descrição de um problema em um momento específico, possibilitando obter um panorama da situação no momento da coleta de dados (Richardson, 2017).

Considerando o objetivo do estudo, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, que busca compreender o significado ou a natureza da experiência dos entrevistados, explora as informações e obtém detalhes do fenômeno estudado, como a vida dos sujeitos, experiências, processos de pensamentos e emoções. Neste tipo de pesquisa, não se produz resultados numéricos ou estatísticos (Strauss; Corbin, 2008).

No que se refere às participantes da pesquisa, foram entrevistadas duas mulheres vítimas de violência doméstica, atendidas no Centro de Referência de Assistência Social - CREAS, localizado em um município do Norte de Santa Catarina. Os critérios de inclusão utilizados foram: mulheres acima de 18 anos de idade; que estavam em atendimento no CREAS; que vivenciaram ao longo da vida, no mínimo, um relacionamento em que foram vítimas de

violência doméstica pelo parceiro íntimo; que residam ou tenham residido com o parceiro; que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A respeito do instrumento para a coleta de dados, foi utilizado um questionário sociodemográfico e entrevista narrativa. A entrevista narrativa parte de uma pergunta inicial aberta, que seja capaz de direcionar o entrevistado a narrar sua história de vida, a fim de responder questões que sejam relevantes para a pesquisa (Flick, 2008). Neste estudo a entrevista narrativa contemplou temas relacionados ao ciclo de vida das participantes, relacionamentos afetivos e situações de violências vividas.

Após o aceite para a participação no estudo, as entrevistas foram realizadas no CREAS, em salas reservadas, que garantiram o sigilo e a segurança das informações coletadas. Mediante a autorização das participantes, as entrevistas foram gravadas com gravador de áudio, transcritas na íntegra e, posteriormente, deletadas.

Após a coleta de dados e a transcrição das entrevistas, os dados foram analisados a partir do modelo de análise de conteúdo proposto por Ruiz-Olabuénaga (2012, tradução nossa). Neste modelo, as narrativas são compreendidas a partir de uma rede de significados que representam um contexto, sem o estabelecimento antecipado de categorias de análises. O texto é lido repetidas vezes na busca pela apreensão dos significados dos dados (Ruiz-Olabuénaga, 2012, tradução nossa). Já o fundamento epistemológico que norteou o estudo foi a Teoria do Apego, de John Bowlby.

Em relação aos aspectos éticos, a pesquisa teve sua realização aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unidade Central de Educação FAEM - Faculdade UCEFF, sob o número de parecer 6.964.110. Seguiu ainda todas as normas e disposições do Código de Ética de Pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução 466/2012, garantindo o respeito e a autonomia das participantes (Brasil, 2012).

## RESULTADOS

A apresentação dos resultados deste estudo está organizada em duas partes: a primeira refere-se à caracterização sociodemográfica das participantes e, a segunda, contempla a apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise. Salienta-se que os nomes das participantes foram alterados, são utilizados nomes fictícios a fim de garantir o sigilo e o cuidado ético em todas as fases da pesquisa.

Ao que se refere à categorização sociodemográfica das participantes, o Quadro 1 sintetiza os dados:

*QUADRO 1 - Caracterização sociodemográfica das participantes*

<b>Participantes</b>	<b>Maria</b>	<b>Madalena</b>
<b>Estado Civil</b>	Solteira	Separada
<b>Naturalidade</b>	Manaus/AM	Quedas do Iguaçu/PR
<b>Etnia</b>	Parda	Branca
<b>Religião</b>	Crente	Católica
<b>Escolaridade</b>	Ensino Médio	Ensino Fundamental
<b>Ocupação</b>	Desempregada	Diarista
<b>Renda Atual</b>	R\$ 350,00 (bolsa família) + R\$ 300,00 (pensão)	R\$ 600,00 (auxílio emergencial) + pensão
<b>Moradia</b>	Abrigo de mulheres	Casa própria
<b>Número de filhos</b>	2	1
<b>Tempo de relacionamento com o ex-parceiro</b>	13 anos	20 anos

Fonte: desenvolvido pelas autoras (2025)

O processo de análise qualitativa foi realizado com base no conteúdo que emergiu da entrevista narrativa, a qual resultou em quatro categorias gerais, compostas por subcategorias e seus respectivos elementos de análise, conforme demonstrado no Quadro 2. A primeira categoria refere-se aos ciclos de vida, a segunda traz elementos relacionados à família de origem e padrões de apego, a terceira aborda os relacionamentos e padrões de apego e, a quarta, transcorre sobre a violência doméstica.

**QUADRO 2 - Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Elementos de Análise</b>	<b>Participantes</b>
1. Ciclos de vida	1.1 Infância	Abandono Parental	Maria e Madalena
		Adoção	Madalena
		Cuidado pela família ampliada	Maria
		Violência na infância	Maria
	1.2 Adolescência e vida adulta	Relacionamentos afetivos na adolescência	Maria e Madalena
		Relacionamento com a família de origem	Maria e Madalena
		Perspectiva de futuro	Maria e Madalena
2. Família de origem e apego	2.1 Cuidados parentais e vínculos familiares	Negligência	Maria
		Estilos de vida dos genitores	Maria
		Contato com os genitores	Maria e Madalena
	2.3 Afetividade e condições psicossociais na família de origem	Referência familiar de relacionamento	Maria
		Afetividade negativa	Maria
		Afetividade positiva	Maria e Madalena

3. Relacionamentos e padrões de apego	3.1 Afetividade e apego na relação com o ex-parceiro	Afetividade positiva	Maria e Madalena
		Afetividade negativa	Maria e Madalena
	3.2 Dinâmica da relação	Desemprego e finanças	Maria e Madalena
		Tempo de relacionamento	Maria e Madalena
		Mantenedores da relação	Maria e Madalena
	Separação	Maria e Madalena	
4. Violência doméstica	4.1 Tipos de violência	Violência psicológica	Maria e Madalena
		Violência financeira e patrimonial	Maria e Madalena
		Violência física	Maria
		Violência sexual	Madalena
		Violência moral	Madalena
	4.2 Período da violência	Violência na adolescência	Maria
		Violência durante a gestação	Maria e Madalena
	4.4 Impactos psicológicos na mulher	Culpabilização	Maria
		Isolamento	Maria
Depressão e Ansiedade		Maria	
Baixa autoestima		Madalena	

Fonte: desenvolvido pelas autoras (2025)

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### CICLOS DE VIDA

A primeira categoria aborda os ciclos de vida das participantes, desta categoria emergiram três subcategorias: infância (1.1), adolescência (1.2) e

adulterez (1.3). Na subcategoria infância (1.1) identificaram-se elementos acerca do abandono parental, cuidado pela família ampliada, adoção, educação familiar e violência nesta fase da vida.

Em relação ao *abandono parental*, as duas participantes afirmaram que foram abandonadas pelos genitores na infância:

“A minha mãe deixou a gente, eu tinha dois anos” [...] e como o meu pai ele é alcoólatra, ele não tinha é... (*choro*) não tinha como cuidar da gente (*choro*)”. (Maria)

“Na verdade, minha mãe verdadeira, ela me abandonou. Ela teve eu no hospital né, e daí quando eu nasci ela não quis mais saber de mim”. (Madalena)

Os relatos das duas participantes demonstram que ambas vivenciaram o abandono parental, especificamente da mãe, ainda na primeira infância. Sobre este fato, em sua obra “Apego e perda: a natureza do vínculo”, Bowlby (2002) explora a teoria do Apego, e propõe que a separação por parte da figura materna pode trazer consequências na saúde mental e emocional da criança. A ruptura do vínculo a partir do abandono na infância (principalmente da mãe), pode influenciar na capacidade de uma pessoa se relacionar ao longo da vida.

Em consequência do abandono, Madalena informou que foi entregue à *adoção* logo após o nascimento, enquanto Maria relatou ter sido *cuidada pela família ampliada*:

“Eu não fui criada pelos meus pais. Eu fui criada pela minha família do meu pai [...] Só que eu era, tipo, improvisada. Porque as minhas tias trabalhavam muito. Então quando uma não podia ficar comigo no final de semana, a outra ficava [...] E às vezes com minha vó, quando ninguém podia ficar comigo”. (Maria)

A partir da fala de Maria, é possível identificar que, embora tenha sido acolhida por sua família ampliada quando tinha dois anos de idade, não teve uma figura de

apego de referência permanente, ou seja, uma base segura. Segundo Bowlby (2006), a criança que vivencia a “privação da mãe”, não vivenciando um apego amoroso ou uma relação de cuidado com a genitora (ou com uma mãe substituta que desempenhe de forma constante e permanente esse papel), pode ter consequências no desenvolvimento da personalidade e na saúde mental. Esses efeitos negativos podem variar dependendo do grau desta privação. A privação parcial (quando a criança passa a ser cuidada por uma pessoa substituta que já conhece e confia) pode gerar angústia, uma necessidade de amor, sentimentos de vingança e, conseqüentemente, culpa e depressão. Já a privação total (quando não há uma figura substituta que a faz sentir-se segura) pode eliminar totalmente a capacidade dessa criança de estabelecer relações com maior proximidade emocional com outras pessoas ao longo da vida.

Por volta dos dois ou três anos de idade, a separação da mãe desenvolve uma reação emocional grave, na qual geralmente a criança sente-se inconsolada e em estado de desespero ansioso. Estas consequências negativas na saúde mental, emocional e no desenvolvimento podem ser parcialmente evitadas durante o primeiro ano de vida da criança se houver uma mãe substituta, por exemplo no caso de adoção. Entretanto, Bowlby cita que pesquisadores observaram que não há garantia de sucesso absoluto, pois os danos podem ocorrer mesmo quando a criança passa pela separação aos três meses de idade. Bowlby afirma ainda que esses pesquisadores são unânimes em considerar que mesmo que não seja o ideal, o cuidado de uma figura de apego substituta é essencial para o desenvolvimento emocional saudável da criança (Bowlby, 2006).

Especificamente em relação à *violência na infância*, o relato de uma das participantes indica a vivência de violência psicológica a partir de agressões verbais por parte de um de seus cuidadores:

“Minhas tias me tratavam bem. Só o marido da minha tia que ele tratava mal, né. Ele não gostava que ela cuidasse de mim [...] E ele não gostava de mim. Esse marido, ele não gostava de mim. Ele me xingava. Às vezes ele me xingava. Eu não me lembro assim muito bem, mas eu lembro que ele era bem agressivo. Agressivo assim na... a voz dele era bem grossa, não sei se era isso que me assustava”. (Maria)

Sobre a relação da vivência de violência na infância e a violência doméstica na vida adulta, o resultado do estudo de Becker, Tripaldi e Bolze (2021), que teve como objetivo discutir a violência conjugal sob diferentes epistemologias, como a Teoria do Apego, Psicanálise e Sistêmica, evidenciou que sofrer violência ou presenciar situações de violência na infância é fator de risco para a reprodução desses comportamentos, bem como a naturalização do ato violento por parte da vítima. Em consonância com esse dado, o estudo de Lima (2010), que buscou estudar a influência da história de vida na escolha conjugal de mulheres que sofrem violência doméstica, verificou que mulheres que presenciaram situações de violência e vivenciaram o desamparo na sua história de vida, tornaram-se vulneráveis, envolvendo-se em relacionamentos destrutivos.

A subcategoria adolescência e vida adulta (1.2) aborda elementos de análise relacionados aos *relacionamentos afetivos na adolescência, relacionamento com a família de origem e perspectivas de futuro*. As duas participantes mencionaram que tiveram apenas um namorado antes do ex-companheiro (perpetuador da violência doméstica). O que chama a atenção é a idade em que iniciaram o namoro, principalmente Madalena, aos 10 anos de idade, com um namorado sete anos mais velho:

“Na verdade, quando eu tive, quando eu, eu tive um namorado, antes do meu ex então nós namoramos é.... deixa eu ver, eu tinha na época, eu tinha dez anos”. (Madalena)

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera-se criança, para os efeitos da Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos (Brasil, 1990), ou seja, Madalena narra o início de uma vida amorosa em plena infância. Em se tratando de namoro precoce, o estudo de Cerqueira e Rocha (2018), cujo objetivo foi compreender os motivos que movem o ser humano na busca pelo relacionamento amoroso, concluiu que cada relacionamento amoroso está ligado às necessidades individuais de quem o mantém. A partir desta análise, pode-se sugerir que ambas as participantes iniciaram de forma precoce as primeiras relações amorosas diante da necessidade de amor e afeto, que, segundo Bowlby (2006) surge em crianças privadas parcialmente dos cuidados maternos.

Já na vida adulta, no que concerne ao *relacionamento com a família de origem*, Madalena relatou que a mãe adotiva é falecida, enquanto seu irmão reside em outra cidade, mantendo contato com este apenas por mensagens eletrônicas.

Já Maria, embora tenha mencionado que mantém contato com a genitora, que tem uma convivência boa com as tias e uma relação “normal” com as irmãs, é fato que todas residem no Estado de origem, ou seja, geograficamente distante da entrevistada:

“Com a minha mãe também. Eu falo com ela. É... vim ter uma... assim, como eu posso dizer. Um afeto por ela, eu já tinha meus 24 anos, mais ou menos, por aí. E hoje a gente se fala normal [...] Ela mora lá (Manaus)”. (Maria)

Diante dos relatos, é possível identificar a falta de uma rede de apoio na vida de ambas as entrevistadas, o que se torna um fator de risco para violência doméstica (Krenkel & Moré, 2022). Sluzki (1997) enfatiza que uma das características de uma rede de apoio efetiva se refere à proximidade geográfica das pessoas, uma vez que há necessidades que só podem ser atendidas por alguém que esteja fisicamente próximo, fato que não corresponde à realidade das participantes deste estudo, uma vez que os vínculos mencionados por elas são de pessoas que residem em outros municípios e estados.

Corroborando com os achados do presente estudo, os resultados da pesquisa realizada por Pereira, Medeiros e Santos (2022), sobre a intergeracionalidade do comportamento violento na vida de mulheres vítimas de violência por seus parceiros íntimos, evidenciaram que muitas vezes as vítimas de violência doméstica não contam com rede de apoio social, tornando-as vulneráveis e desprotegidas, o que pode contribuir para a passividade e a submissão aos comportamentos de violência. Krenkel e Moré (2022) complementam que o contexto de violência é bastante complexo e limitador da rede de apoio, o que pode dificultar que a mulher consiga sair dessa situação.

No que diz respeito à *perspectiva de futuro*, as participantes narraram expectativas distintas acerca deste elemento. Maria citou a frustração por deixar seus planos para viver os planos do ex-companheiro, tendo agora como prioridade encontrar um emprego para estabelecer-se com os filhos. Este dado corresponde ao

encontrado no estudo de Lima (2010), que identificou que as mulheres vítimas de violência, ao perceberem o sofrimento dos filhos, almejavam uma nova perspectiva de vida por meio da busca de um trabalho e da independência. Por outro lado, no presente estudo, a narrativa de Madalena demonstrou que sua esperança no futuro está atrelada ao novo namorado, que conheceu uma semana antes da entrevista:

“Daí ele é um cara bão, amoroso muito, tipo, hum... as palavras dele né de carinho, de atenção totalmente, deferente do meu ex né [...] então tô pensando de pegar ir embora com ele, cuidar dele né cuidar dos dois já digo do meu namorado, viver junto né, que ele falou, a partir que eu viver com ele, vai ser uma vida, de muito amor e carinho e né. Então a gente, tô pensando em ariscar”. (Madalena)

A fala da participante sugere que, ainda que conheça o namorado há pouco tempo, esta relação representa o sentido de futuro para sua existência, fato que pode significar a presença de um padrão de apego ansioso. Bowlby (2015) esclarece que o padrão de relações familiares que um sujeito vivencia durante a infância tem influência significativa sobre o desenvolvimento de sua personalidade e, ainda, na capacidade ou não de reconhecer figuras de apego saudáveis, que estejam aptas a proporcionar uma base segura. No caso do desenvolvimento de uma “personalidade perturbada”, como no padrão de apego ansioso, o indivíduo pode apresentar dificuldade em identificar relações adequadas em que o(a) parceiro(a) possa oferecer uma base segura. Em complemento a esses achados, Artavia-Fallas e Carranza-Morales (2019, tradução nossa), em seu estudo que abordou o tema da violência experimentada por mulheres em relacionamentos amorosos durante a adolescência tardia a partir da teoria do apego, evidenciou que o período de espera das participantes para iniciar um novo relacionamento após o término de uma relação violenta é um dos aspectos que reflete seu estilo de apego. Os resultados indicaram que as participantes com estilo de apego ansioso estabeleceram um novo relacionamento em menos de um ano após o fim da relação anterior.

## FAMÍLIA DE ORIGEM E APEGO

A segunda categoria aborda a família de origem e apego. Desta categoria emergiram duas subcategorias: cuidados parentais e vínculos familiares (2.1), afetividade e condições psicossociais na família de origem (2.2).

Na subcategoria cuidados parentais e vínculos familiares (2.1), identificaram-se elementos acerca da *negligência* e dos *estilos de vida dos genitores*. Com base nos dados analisados nestes elementos, identificou-se que uma das participantes, além do abandono materno na infância, sofreu negligência por parte do genitor, que fazia uso de álcool e demonstrava não ter responsabilidade no exercício dos cuidados parentais:

“Não tinha como cuidar da gente (*choro*) [...] Mas naquele tempo ele [o pai] era aquela pessoa que vivia na farra, bebida [...] Ele é o único filho que não tem nada. Porque ele não pensou em nada, mesmo. Ficou naquela mesma vida. Ele é o filho que fica na casa da mãe, dos irmãos... Só dando problema mesmo”. (Maria)

A associação entre abuso do álcool e abandono parental é um fenômeno verificado na literatura, como a correlação entre consumo abusivo de álcool e a negligência infantil que foi citada no estudo de Zilberman e Blume (2005), que apresentou uma revisão ampla sobre violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas, e concluiu que o abuso e a dependência de substâncias psicoativas geram impactos no bem-estar físico e psicológico de toda a família, inclusive dos filhos.

Em relação ao *contato com os genitores*, Madalena mencionou que nunca conheceu a genitora, porém, em seu discurso é perceptível que há certa expectativa em conhecê-la. Tendo citado, inclusive, programas de televisão que proporcionam estes encontros e quanto isso a deixa emocionada:

“Eu queria ter um prazer, assim, de que nem ir no programa tipo do Rodrigo Faro né. A gente assiste televisão, é tão emocionante né”. (Madalena)

Já Maria, informou não ter contato com o genitor, enquanto com a genitora começou a ter algum tipo de relação aos 12 anos de idade, e somente na adultez veio a estabelecer um “contato mais profundo” com ela.

“E eu sou a única filha que perdoa ela. Que também eu procurei um outro caminho, sabe, de tentar entender o lado dela [...] as minhas irmãs todas elas não têm nenhum tipo de vínculo com minha mãe, com meu pai. Elas são completamente revoltadas”. (Maria)

Observa-se que as participantes do presente estudo não tiveram contato com as genitoras nos primeiros anos de vida. Apesar dos efeitos do abandono revelam, de certa forma, uma tentativa de compreender a situação e mantêm a expectativa em estabelecer contato com as genitoras. Aspectos semelhantes foram encontrados no estudo de Sherr, Roberts e Croome (2018, tradução nossa), que buscou compreender os efeitos a longo prazo do abandono infantil em termos de parentalidade, e observou-se que o grupo estudado expressou sentimentos ambíguos em relação à mãe biológica, oscilando entre a compreensão e o perdão pelo abandono, e sentimentos de raiva e ressentimento.

A subcategoria afetividade e condições psicossociais na família de origem (2.3) discorre sobre referência familiar de relacionamento, afetividade negativa e afetividade positiva.

Quanto à *referência familiar de relacionamento*, Maria trouxe elementos que podem indicar a percepção de indissolubilidade matrimonial a partir dos modelos observados em seus cuidadores:

“E a minha vó também foi assim... Ela dizia que ela nunca ia trocar de marido [...] E aí as minhas tias eu também nunca vi trocar de marido. Então eu sempre tive esse pensamento, de não trocar de marido”. (Maria)

A partir do discurso da participante, pode-se sugerir que há a crença de que o casamento não deve ser rompido, independentemente da qualidade desta relação. Esses dados corroboram com o estudo de Silva e Comin (2022), cujo objetivo foi compreender como ocorreu a transmissão de padrões e perspectivas sobre a família, o casamento e o feminino em três gerações de mulheres. A partir do resultado da análise temático-reflexiva, destacaram-se questões transgeracionais e de gênero relacionadas à preservação do legado familiar e à indissolubilidade do casamento, o que não pode ser compreendido sem considerar os fatores sociais e culturais.

A respeito da *afetividade negativa*, Maria afirmou não haver conflitos entre seus cuidadores, porém, sua fala sinaliza a presença de violência representada pela agressividade verbal perpetuada no relacionamento de uma das tias:

“Agora, a minha outra tia, o marido dela chegava bêbado [...] Ele era agressivo verbalmente”. (Maria)

Já em relação à *afetividade positiva*, ambas as participantes trouxeram conteúdo acerca da relação positiva com as famílias que as acolheram após o abandono parental:

“Que eu fazia cafuné nela [tia]. Ela me chamava de tartarinha. E ela me levava pro trabalho dela. Quando não tinha ninguém pra ficar comigo também [...] ela comprava as coisas pra mim. Eu tinha muitos brinquedos. Eu tinha muitas roupas [...] Era uma vida boa que eu tinha. Tomava suco de laranja todo dia. Não tive, assim, uma infância ruim”. (Maria)

“Daí graças a Deus, essa família que me adotou, a minha mãe, foi uma supermãe [...] E ela me deu carinho, amor, né. Tudo o que eu precisava ela me deu”. (Madalena)

As narrativas das participantes demonstram que a segurança material e as demonstrações de afeto pelas cuidadoras foram fatores que marcaram seu desenvolvimento. Tais fatores também foram verificados no estudo de Rachman *et al.* (2023, tradução nossa), cujo objetivo foi analisar os fatores que influenciam o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes e que revelou seis influências: características socioeconômicas, interações mãe-filho, comportamento de risco e uso de dispositivos, condições psicológicas parentais, apego e parentalidade e programas de aprendizagem escolar. Esses achados evidenciam a relevância da dimensão afetiva, social e emocional no desenvolvimento humano.

## RELACIONAMENTOS E PADRÕES DE APEGO

A terceira categoria contempla aspectos dos relacionamentos e padrões de apego, dela emergiram três subcategorias: afetividade e apego na relação com o ex-parceiro (3.1) e dinâmica da relação (3.2). A subcategoria afetividade e apego na relação com o ex-parceiro (3.1), discorre sobre os elementos afetividade positiva e afetividade negativa, a respeito do último relacionamento em que as participantes vivenciaram a violência doméstica. Em relação à *afetividade positiva*, as duas participantes mencionaram que, apesar da violência, havia também demonstração de afeto pelo ex-parceiro:

“Por isso que eu acredito que até seja por isso que me dava mais raiva [...] Ele sempre foi uma pessoa muito... carinhosa. Sempre me tratou muito bem. Muito paciente”. (Maria)

“Olha, antes disso [violência] acontecer, a gente era um casal feliz”. (Madalena)

Quando o agressor expressa afeto, do mesmo modo que tem comportamentos violentos, pode gerar ambivalência emocional na vítima, ou seja, sentimentos de amor e raiva pela mesma pessoa. Em relação a isso,

Bowlby explica que quando o relacionamento com a pessoa amada é ameaçado, é comum que surjam sintomas de ansiedade e raiva, pois estas são respostas naturais diante do risco da perda da figura de apego. Essa manifestação nas participantes pode ser explicada pelo desenvolvimento de um apego resistente à ansiedade (ansioso ambivalente), corroborando assim com a Teoria de Apego de Bowlby, que explica que o estilo de apego resistente à ansiedade (ansioso ambivalente) é estabelecido quando a figura de apego na infância responde de forma instável: em alguns momentos disponível e de forma afetiva e, em outros, distante e fria. Assim, a criança que sofre ameaças de abandono, torna-se ansiosa diante da possibilidade de separação, bem como irritada com as figuras de apego (Bowlby, 2024).

No que se refere à *afetividade negativa*, ambas as participantes afirmaram que o comportamento do ex-parceiro mudou ao longo do tempo:

“Só que daí depois virou, uma bagunça que não entendo [...] Depois que o meu menino nasceu.” (Madalena)

“Com o tempo ele foi mudando [...] Não tomava mais café com a gente. Não almoçava mais com a gente. A gente nunca tinha mais um dia de família. Foi assim que eu decidi me separar”. (Maria)

As narrativas das participantes evidenciam uma percepção de mudança em relação ao comportamento do ex-parceiro, seja de forma paulatina ou repentina. Referente a esses dados, Zanello (2022) salienta que a violência doméstica contra a mulher praticada por parceiro íntimo inicia-se normalmente de forma sutil, com violências veladas como o ciúme (que se confunde com amor), piadas, comentários depreciativos, o que pode dificultar o reconhecimento. Porém, a tendência é que se agrave ao longo do tempo. Com relação especificamente à mudança da afetividade a partir do nascimento do filho, Marsden e Owens (1975, *apud* Bowlby, 2024) afirma que é comum a violência doméstica ser desencadeada pelo ciúme intenso do marido devido à atenção da mulher aos filhos.

Na subcategoria sobre a dinâmica da relação (3.2) apresentaram-se dados relativos a desemprego e finanças, tempo de relacionamento, mantenedores da relação e separação. Com relação ao *desemprego e finanças*, Maria relatou que, como o ex-companheiro não mantinha um emprego fixo, ela quem assumia a responsabilidade pelas finanças da família. Em contrapartida, Madalena explicou que o ex-companheiro trabalhava normalmente, porém destinava todo o salário frequentando bares, gastos com jogos e bebidas:

“Ele só queria curtir a vida [...] Ele não conseguia se manter firme num emprego. Sempre tinha uma desculpa”. (Maria)

Destaca-se nesse estudo que as participantes não tinham dependência financeira dos ex-parceiros. Resultado semelhante é retratado nos achados por Sagim *et al.* (2007), no estudo que teve por objetivo descrever os tipos de violência doméstica contra a mulher, o relacionamento dos casais e características do agressor, e evidenciou que 60% das participantes vítimas de violência doméstica afirmaram ter um emprego remunerado, ou seja, possibilitando a independência financeira. Neste sentido, Albuquerque (2020) ressalta que além do envolvimento afetivo com o agressor pode haver dependências de diversas ordens, como emocional e, sobretudo, que a violência contra a mulher se trata de um fenômeno complexo e multifatorial, influenciada por questões de gênero e uma cultura patriarcal.

Quanto ao *tempo de relacionamento* com o ex-parceiro (autores da violência), Maria relatou que ficaram 13 anos juntos, enquanto Madalena 20 anos. Sobre o motivo pelo qual as mulheres permaneciam nesses relacionamentos permeados por violência, as participantes citaram como principais *mantenedores da relação* a preocupação com os filhos e a expectativa de mudança comportamental do parceiro:

“Aí ele falou que ia mudar. Que ele não ia ser mais assim. Que ele ia pensar na família. Que ele ia pensar na gente”. (Maria)

“Eu burrinha pensava que ele ia mudar né com a separação ia mudar só que era só o momento de eu chegar e deitar com ele dali levantar já outra pessoa”. (Madalena)

A realidade verificada no presente estudo também foi elucidada na pesquisa de Gomes *et al.* (2022), que buscou desvelar a permanência de mulheres em um cotidiano conjugal violento, e revelou que os principais fatores de permanência das vítimas ao lado dos agressores foi a não percepção do abuso no início da relação e a esperança das vítimas na possível mudança dos companheiros. Santos e Moré (2011), em sua pesquisa que objetivou caracterizar o impacto da violência na dinâmica relacional familiar, complementa que a razão mais citada foi o fato de esses homens serem o pai dos filhos das participantes.

A respeito do elemento *separação*, Maria relatou que a última separação ocorreu dois meses atrás, ao entrar com uma medida protetiva contra o companheiro após a última agressão que envolveu o filho. Foi quando ele a mandou embora de casa e, por não ter onde ir, foi acolhida junto com os filhos em um abrigo para mulheres. Enquanto Madalena informou que a última separação ocorreu há cerca de dois anos devido à descoberta da traição, período em que o marido levava a amante para casa enquanto ela estava no trabalho:

“Porque eu cheguei a ver mancha de relacionamento em cima da minha cama então me deu muita raiva e eu mandei ele embora [...] Não quero mais saber dele né, porque eu sofri muito quando me separei dele”. (Madalena)

Apesar de toda a violação que essas mulheres enfrentaram no relacionamento, o rompimento deste trouxe sofrimento para ambas. Esse fato se assemelha aos dados encontrados no estudo de Jong, Sadala e Tanaka (2008), que buscou descrever a experiência de mulheres vítimas da violência doméstica que desistiram do processo contra seu agressor. Os resultados demonstraram que as participantes manifestaram sentimentos ambíguos em relação ao agressor, como afetividade, raiva, humilhação e medo. Tal fato elucidada a complexidade que envolve as dinâmicas relacionais permeadas por violência.

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A quarta categoria aborda os aspectos relacionados à violência doméstica e dela emergiram quatro subcategorias: tipos de violência (4.1), período da violência (4.2), condições da violência (4.3) e impactos psicológicos na mulher (4.4). A subcategoria tipos de violência (4.1) apresenta dados relativos às formas de violência sofridas pelas entrevistadas. A respeito da *violência psicológica* e da *violência financeira e patrimonial*, Maria relatou situações em que era humilhada, o ex-companheiro falava para ela ir embora caso estivesse insatisfeita e, ainda, em uma das discussões quebrou seu celular. Já Madalena, narrou situações em que o ex-companheiro a chamava de “gorda e feia”, o que a fazia tomar medicamentos para ficar magra com a esperança de ele a amar.

No que tange à *violência física*, apenas a participante Maria abordou na entrevista que o parceiro a agredia fisicamente diante dos conflitos conjugais. Já em relação à *violência sexual* e à *violência moral*, foram relatadas apenas por Madalena. Em se tratando da violência moral, a participante comentou que o ex-companheiro a difamou no Facebook, com publicação de fotos. Sobre a violência sexual, ele tomava medicamento para ereção e a obrigava a manter relações sexuais indesejadas:

“Então daí ele tomava aquele remédio ficava enorme, né e daí, a gente não guenta né, a gente não é toda hora que a gente vai né tá né, relacionamento você tem que entender né que tal hora né, tal momento pode, momento não, né”. (Madalena)

Em se tratando de violência doméstica contra a mulher, o termo é definido pelo comportamento abusivo do parceiro íntimo(a) contra uma mulher com a qual se relaciona (Rivas *et al.*, 2015, tradução nossa). A partir da Lei Maria da Penha - 11.340/2006 - foi possível o reconhecimento público do problema e tipificou a violência doméstica contra a mulher como física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (Brasil, 2006). Em relação aos tipos de violência doméstica, entende-se por violência física: ações como tapas, socos, chutes e espancamento; violência psicológica: ameaças,

humilhação, manipulação, isolamento, perseguição, chantagens ou qualquer outra ação que cause prejuízo à saúde psicológica e emocional da vítima; violência moral: calúnia, difamação ou injúria; violência sexual: obrigar a mulher a manter contato sexual de forma indesejada e forçada; violência patrimonial: retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos (Política Nacional de enfrentamento à violência contra a Mulher, 2011).

Na subcategoria que trata do período da violência (4.2), apresentam-se relatos a respeito da violência na adolescência e violência durante a gestação. A respeito da *violência na adolescência*, uma das participantes relatou ter vivenciado a primeira agressão aos 17 anos de idade, perpetuada pelo pai do primeiro filho:

“Ele tanto me agredia fisicamente, como também me agredia com palavras. Ele me chamava de um monte de palavras horríveis”. (Maria)

A respeito da violência na adolescência, Murta *et al.* (2019), em seu estudo baseado na teoria do apego que teve o propósito de examinar vivências de intimidade nas relações de namoro, evidenciou que as experiências de apego seguro na infância é um dos fatores de proteção que contribuem para a qualidade dos relacionamentos amorosos ao longo da vida. O que corrobora com a realidade da participante Maria, visto que não teve o apego seguro na infância como fator de proteção, assim, vivenciou ao longo da vida relacionamentos permeados por violência. Aspectos semelhantes foram encontrados por Artavia-Fallas e Carranza-Morales (2019, tradução nossa), em que as participantes adolescentes vítimas de violência no namoro foram identificadas com apego inseguro, entre eles, do tipo ansioso. Entre as características deste estilo, está a baixa autoestima e a ambivalência em suas relações. Contudo, as autoras esclarecem que o estilo de apego não é determinante para compreender a permanência das mulheres em uma relação permeada por violência, devendo-se levar em conta múltiplas variáveis, como o contexto sociocultural, o sistema patriarcal e os papéis de gênero.

O elemento *violência durante a gestação* foi abordado pelas duas participantes. Madalena narrou situações condizentes à violência psicológica, como a traição e o marido não comprar algo que ela tinha desejo pelo fato de ele não ter interesse em consumi-lo. Já Maria relatou ter sofrido a primeira agressão de um homem no período gestacional do primeiro filho, na adolescência:

“E eu tava com dois meses mais ou menos, ou três [...] Ele quebrou minha cabeça. Abriu a minha cabeça aqui”. (Maria)

Esses dados corroboram com os achados do estudo de Nascimento *et al.* (2021), cujo objetivo foi identificar os multifatores da violência doméstica na gestação, e constatou-se que uma das principais causas de violência física, psicológica e sexual na gravidez foram o fato de serem pais jovens e sem relações conjugais sólidas. Aspectos semelhantes foram abordados por Silva *et al.* (2022), que analisou a associação das violências contra a mulher durante a gestação segundo as características socioeconômicas e comportamentais do parceiro íntimo. Observou-se uma alta prevalência de violência psicológica no período gestacional por parte de parceiros que consumiam álcool.

Na quarta e última subcategoria, impactos psicológicos na mulher (4.4) são apresentadas as consequências da violência doméstica na saúde mental das participantes: *culpabilização, isolamento, depressão e ansiedade e baixa autoestima*:

“E aí eu fiquei uma bagunça. A minha mente ficou de uma maneira que eu pensei assim: cara, eu tô ficando louca. Porque eu fiquei muito mal”. (Maria)

“Olha de tanto que meu ex-marido me falava que eu era gorda, que eu era feia, que ele tinha nojo de sair comigo [...] Então eu me sinto assim lá embaixo, na separação né?”. (Madalena)

Os dados verificados no presente estudo confirmam com os já verificados por Silva, Silva e Hanna (2023), na pesquisa que se propôs a identificar os danos

psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher, e constatou os seguintes impactos: ansiedade, insônia, depressão, baixa autoestima, medo, insegurança, crises de pânico, dependência emocional, isolamento social, transtorno do estresse pós-traumático e transtornos alimentares. Convergem também com os achados de Silva *et al.* (2022) que investigou os possíveis impactos psicossociais causados na mulher diante da violência doméstica e confirmou que a violência doméstica impacta na qualidade de vida das vítimas, tanto no âmbito social, familiar, espiritual quanto cultural. Deste modo, ressalta-se que a violência doméstica traz diferentes repercussões para a vida da mulher, sobretudo para sua saúde mental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender a dinâmica dos relacionamentos afetivos na trajetória de vida de mulheres vítimas de violência doméstica atendidas pelo CREAS de uma cidade do Norte de Santa Catarina. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com duas mulheres inseridas neste contexto. Os resultados foram sistematizados em quatro categorias, que contemplaram aspectos dos ciclos de vida das participantes, família de origem e apego, relacionamentos e padrões de apego e a experiência da violência doméstica.

Em relação aos ciclos de vida das participantes, os resultados demonstram que ambas vivenciaram o abandono parental, condição que pode influenciar negativamente na saúde mental, no desenvolvimento da personalidade e na qualidade dos relacionamentos ao longo da vida. No que concerne à família de origem e apego, os resultados indicam que as mulheres entrevistadas não tiveram vínculo com os genitores nos primeiros anos de vida, entretanto, mantêm expectativa em estabelecer contato com as genitoras, o que indica sentimentos ambíguos entre o perdão e o ressentimento pelo abandono. A respeito dos relacionamentos afetivos e padrões de apego, as participantes mencionaram que apesar da violência sofrida pelo parceiro íntimo, havia demonstrações de afeto por parte dos ex-parceiros, o que pode gerar ambivalência emocional na vítima, ou seja, amor e raiva pela mesma

pessoa. Este fator pode estar relacionado ao desenvolvimento de um apego resistente à ansiedade (ansioso ambivalente) na infância devido ao abandono e a instabilidade das figuras de apego.

A partir das narrativas, identificou-se ainda que as participantes foram vítimas de violência nos relacionamentos estabelecidos ao longo da vida. Quanto aos últimos parceiros, mencionaram violência psicológica, física, sexual, financeira, patrimonial e moral. Diante destas violações, manifestaram impactos psicológicos como culpabilização, isolamento, depressão, ansiedade e baixa autoestima. Ao analisar de que forma os padrões de apego desenvolvidos na infância podem ter influenciado nos relacionamentos dessas mulheres na vida adulta, o presente estudo elucidou a necessidade de compreender a violência doméstica contra a mulher a partir de uma perspectiva ampla, que considere os múltiplos fatores envolvidos, como questões culturais e de gênero.

Neste sentido, o estudo cumpriu com o seu objetivo, ao proporcionar uma compreensão sobre a dinâmica dos relacionamentos afetivos na trajetória de vida das participantes, o que pode contribuir para a atuação de profissionais que atuam com esse público. Contudo, há limitações do estudo a serem consideradas, dentre elas, o número de participantes e o tempo limitado para a realização das entrevistas, as quais podem impossibilitar o aprofundamento das análises. Deste modo, sugere-se o desenvolvimento de novos estudos com maior diversidade de mulheres a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno complexo que é a violência doméstica, visto que essas pesquisas são essenciais para identificar fatores de risco e proteção, e auxiliar os profissionais na elaboração de intervenções voltadas à proteção e ao apoio das vítimas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, K. K. **Diálogos de gênero na educação: considerações sobre o projeto Lei Maria da Penha vai às escolas.** *Revista estudos feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 01-12, 2020. versão *online*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n260485/44141>. Acesso em: 26 nov. 2023.

ARTAVIA-FALLAS, C.; CARRANZA-MORALES, M. **Estilos de apego de mujeres que permanecieron expuestas a situaciones de violencia en sus relaciones de noviazgo durante la adolescencia tardía.** InterSedes, San José, v. 20, n. 42, p. 72-103, 2019. ISSN 2215-2458. versão *online*. Disponível em: [http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2215-24582019000200072&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-24582019000200072&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 out. 2024.

BECKER, A. P. S. **Entrelaços de afeto:** a relação entre o apego dos membros do casal na infância e o relacionamento conjugal e parental. **Researchgate**, Orientadora: Maria Aparecida Crepaldi. 2020. 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/344785207>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BECKER, A. P. S.; TRIDAPALLI, A. P. L.; BOLZE, S. A.; **Violência conjugal:** diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, v. 16, n. 3, p. 1-13, set. 2021. ISSN 1809-8908. versão *online*. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180989082021000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082021000300003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 mar. 2024.

BOWLBY, J. **Apego e perda:** a natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2002. 494 p.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** 5. ed. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini. São Paulo: Martins fontes, 2006. 239 p.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 5. ed. São Paulo: Martins fontes, 2015. 228 p.

BOWLBY, J. **Uma base segura:** aplicações clínicas da teoria do apego. Tradução: Marcos Vinícius Martim da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2024. ISBN 9786558821724. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558821724/>. Acesso em: 22 out. 2024.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. versão *online*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 19 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar:** orientações para a prática em serviço Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília, DF, 2002. versão *online*. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_19.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf). Acesso em: 23 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Congresso Nacional. **Lei Maria da Penha**: seção 2, Brasília, DF: Presidência da República, 2006. versão *online*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm#art46](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm#art46). Acesso em: 26 nov. 2023.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as mulheres**. Brasília, DF, 2011. versão *online*. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy\\_of\\_acervo/outras-referencias/copy2\\_of\\_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres](https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres). Acesso em: 26 nov. 2023.

BUENO, S. et al. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. Sumário executivo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo, 4. ed. 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/224>. Acesso em: 02 abr. 2024.

CERQUEIRA, I. C.; ROCHA, F. N. **Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia**. **Revista Mosaico**. Rio de Janeiro, Universidade de Vassouras, v. 9, n. 2. 2018. versão *online*. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1449> Acesso em: 23 out. 2024.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 405 p. Título original: Qualitative Sozialforschung. *E-book*. ISBN 9788536318523. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318523/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. 404p. ISSN: 1983-7364. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 02 nov. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. *E-book*. ISBN 9788597020991. Disponível em:

<https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

GOMES, N. P. et al. **Permanência de mulheres em relacionamentos violentos**: desvelando o cotidiano conjugal. **Cogitare Enfermagem**, Universidade Federal da Bahia, v. 27, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/78904>. Acesso em: 9 nov. 2024.

JONG, L. C.; SADALA, M. L. A.; TANAKA, A. C. A. [**correspondência**]. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas da violência doméstica. *in*: JONG, L.; SADALA, M. L. A.; TANAKA, A. C. A. **Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas da violência doméstica**. 2006. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42 n. 4 2008. Tese (Doutorado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 744-751f. versão *online*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/7CsRnQPMTZHNqsX8fqf5cNB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2024-10-26.

KRENKEL, S; MORÉ, C. L. O. O. **Características Estruturais e Funções das Redes Sociais Significativas de Mulheres Ex-Abri gadas. Psicologia: Teoria E Pesquisa**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. v. 38. 2022. versão *online*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/NKFZ47DHTPMdqrCHHShChYw/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2024.

LIMA, G. Q. **Quadros de História de vida e escolha conjugal em mulheres que sofrem violência doméstica**. Orientadora: Profa. Dra. Blanca Susana Guevara Werlang. 2010. 95f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUCRS, Porto Alegre, 2010. versão *online*. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4788/1/000421569-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.

MURTA, S. G. et al. **Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência. Contextos Clínicos**, Universidade de Brasília, Brasília, DF, v.12, n.1, p. 204-225, 2019. ISSN 1983-3482. versão *online*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332428203\\_Intimidade\\_e\\_apego\\_no\\_namoro\\_implicacoes\\_de\\_estudos\\_de\\_caso\\_para\\_prevencao\\_a\\_violencia](https://www.researchgate.net/publication/332428203_Intimidade_e_apego_no_namoro_implicacoes_de_estudos_de_caso_para_prevencao_a_violencia). Acesso em: 27 marc. 2024.

NASCIMENTO, D. L. A. et al. **Análise multifatorial da violência doméstica na gestação**, São Paulo, v. 10, n. 10, 2021. versão *online*. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18856>. Acesso em: 27 out. 2024.

PEREIRA, P. S.; MEDEIROS, M.; SANTOS, W. S. **A intergeracionalidade da violência na vida de mulheres agredidas por seus parceiros íntimos. Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 7, p. 10091, 6 jul. 2022. ISSN 2178-2091. versão *online*. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/10091>. Acesso em: 23 out. 2024.

RACHMAN, Y. A. et al. **Factors Influencing the Social-Emotional Development of Children and Adolescents: A Systematic Literature Review.** *Journal of Family Sciences*, Bogor, Indonésia. 2016 jun/dez. E-ISSN 2460-2329. versão *online*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/375473562>. Acesso em: 20 set. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017. *E-book*. ISBN 9788597013948. Disponível em:

<https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597013948/>. Acesso em: 29 abr.

2024.

RIVAS, C. et al. **Advocacy interventions to reduce or eliminate violence and promote the physical and psychosocial well-being of women who experience intimate partner abuse.** *Cochrane Database of Systematic Reviews*. Southampton, Reino Unido: 2015, Issue n. 12. p. 132 CD005043. versão *online*. Disponível em: <https://www.cochranelibrary.com/cdsr/doi/10.1002/14651858.CD005043.pub3/full> . Acesso em: 24 Mar. 2024.

RUIZ-OLABUÉNAGA, J. I. **Metodología de la investigación cualitativa.** 5. ed. Bilbao, España: Universidad de Deusto, 2012. 342 p.

SAGIM, M. B. et al. **Violência doméstica: A percepção que as vítimas têm de seu parceiro, do relacionamento mantido e das causas da violência.** *Cogitare Enfermagem*, Universidade Federal do Paraná. v. 12, n. 1, p. 30-36, 2007. ISSN 1414-8536. versão *online*. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648982004.pdf> Acesso em: 22 out. 2024.

SANTOS, A. C. W.; MORÉ, C. L. O. O. **O Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v.3 1, n. 2, p. 220–235. 2011. ISSN: 1982-3703. versão *online*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/64CCPxgZb7wsrx9R3F5nSqr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

SHERR, L. R. K. J.; CROOME, N. **Parenting concepts and experiences of adults abandoned as infants.** *Vulnerable Children and Youth Studies*, Taylor & Francis. Inglaterra, Londres, v. 14, n. 1, p. 36–49. 2018. versão *online*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/329495424>. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, S. C. M.; SILVA, V. A. A.; HANNA, L. M. O. **Danos psicológicos causados pela violência**

**doméstica contra a mulher. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, Macapá, AP, v. 5, n. 4, p. 338–351, 2023. ISSN 2674-8169. versão *online*. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/385>. Acesso em: 27 out. 2024.

SILVA, J. D. A.; COMIN, F. S. **A transgeracionalidade do feminino na família: estudo de caso com três gerações de mulheres casadas. Revista de Psicologia**, Universidade Federal do Ceará. v. 13, n. 2, julh/dez 2022. versão *online*. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/78219>. Acesso em: 19 out. 2024.

SILVA, P. R. O. et al. **Os possíveis impactos psicossociais na mulher diante da violência doméstica. Research, Society and Development**. São Paulo, v. 11, n. 10, 2022. ISSN 2525-3409. versão *online*. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32666>. Acesso em: 2 nov. 2024.

SILVA, R. P. et al. **Violência por parceiro íntimo na gestação: um enfoque sobre características do parceiro. Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, mai. 2022. ISSN: 1678-4561. versão *online*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9cnkvWyhzhr6dLTYVfzc4MJ/>. Acesso em: 23 out. 2024.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

SOTO, M. G. R. **Papel da dinâmica familiar no consumo do crack: aspectos socioculturais, demográficos e psicossociais**. Orientador: Prof. Dr. Rivaldo Venâncio da Cunha. Dissertação (Mestrado - Pós-graduação em saúde e desenvolvimento) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2015. 101f. versão *online*. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2548>. Acesso em: 24 out. 2024.

STRAUSS, A. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução: Luciane de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288 p.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022. 144 p.

ZILBERMAN, M. L.; BLUME, S. B. **Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. Brazilian Journal of Psychiatry**. São Paulo, v. 27, p. 51-55, 2005. versão *online*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/FLYWTYVCst65zrXHvRQtq4k/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2024.